

REPRESENTAÇÕES DA ORIENTAÇÃO EDUCACIONAL E DA ATIVIDADE EXTRACLASSE NAS CLASSES SECUNDÁRIAS EXPERIMENTAIS DO CAP DA UFRJ NA REVISTA ESCOLA SECUNDÁRIA (1959-1961)¹

Fernanda Gomes Vieira², Norberto Dallabrida³

¹ Vinculado ao projeto “Cultura Escolar nas Classes Secundárias Experimentais nos estados do Rio de Janeiro e de São Paulo (décadas de 1950 e 1960)”

² Acadêmico (a) do Curso de Pedagogia – CEAD – Bolsista de pesquisa

³ Orientador/a, Departamento de Pedagogia – CEAD – norbertodallabrida@edu.udesc.br.

O presente ensaio tem como objetivo analisar a representação do Serviço de Orientação Educacional e da atividade extraclasse nas classes secundárias experimentais do Colégio de Aplicação da UFRJ na Revista Escola Secundária. Para tal, os seguintes artigos sobre o CAP publicados nesta revista serão analisados: “Planejamento das sessões de Orientação de Grupo” (LOFFREDI, 1959), “A Orientação educacional nas classes experimentais” (LOFFREDI, 1960), que tratam das experiências gerais do SOE nas classes experimentais; e “Ciências Naturais como atividade extraclasse” (BASTOS, 1961), que discorre sobre uma experiência de atividade extraclasse com duas turmas do experimental em disciplinas integradas. Com isso, o recorte temporal parte da data da publicação do primeiro artigo analisado, em 1959, à data, do último artigo analisado, 1961. O CAP da UFRJ foi o primeiro colégio de aplicação do país, criado em 1948, junto à Faculdade Nacional de Filosofia FNFfi da Universidade do Brasil, e já nasceu com perspectivas experimentais e de inovação: redução de alunos por turma, o estudo dirigido e a orientação educacional. O diretor do colégio era o Luiz Alves Mattos, professor catedrático de Didática Geral, que também era o redator-chefe da Revista Escola Secundária, fonte dessa pesquisa, criada em 1957 com o objetivo de divulgar as atividades da Campanha de Aperfeiçoamento do Ensino Secundário, conhecimentos técnicos e cursos de preparação para exames de suficiência. Dois anos depois, foram implantadas pelo Ministério da Cultura e Educação, pelo esforço do professor Gildásio Amado, as classes secundárias experimentais, uma tentativa de renovação do ensino secundário, com redução de alunos por turma, obrigatoriedade das atividades extraclasse e da orientação educacional. A partir disso, o estudo traça análises que podem ajudar na reflexão do atual Ensino Médio, já que a releitura dessa experiência pode trazer caminhos, quase esquecidos, de práticas pedagógicas a serem (re)pensadas, além abrir espaço para refletir sobre o SOE e seus desdobramentos e colocar em foco um momento histórico pouco explorado na historiografia da educação. Para ler as representações trazidas pela Revista Escola Secundária sobre essas duas variáveis obrigatórias na experiência das classes experimentais do CAP apoia-se em Roger Chartier (2002; 2011), que coloca a representação com um caminho duplo: o de apresentar o ausente e apresentar a si mesmo enquanto representação. E a fim de entender a produção e circulação de periódicos no campo educacional brasileiro usou-se Carvalho (2003), que coloca a relevância do impresso tanto como o objeto de análise quanto como material que quer determinar formas específicas de uso. E, por tanto, o periódico de função pedagógica como objeto de estudo coloca em evidência os dispositivos estratégicos de imposição de saberes e normatização de práticas, que estão referendados por lugares de poder determinados. Dessa forma, o artigo “A Orientação Educacional nas classes experimentais” (LOFFREDI, 1960)

deixa claro sua intenção de apresentar o Serviço de Orientação Educacional (SOE) como um elo com a sua comunidade educativa e sua função indispensável à escola. Assim, ele atuava reportando-se ao diretor, mediando junto ao professor-coordenador das classes, avaliando psicologicamente os alunos junto a avaliação de conhecimento dos professores, que culminavam nos conselhos de classe e por fim, trabalhava como elo de confiança com os alunos e acolhendo as famílias. Mas, é possível ver a atuação do SOE como uma tentativa de controle a partir do gerenciamento, principalmente dos alunos, por parte do colégio, que tinha um ideal e uma identidade para preservar. Esse capítulo expõe os contrastes das estratégias e suas recepções táticas. Pois percebe-se a intenção do periódico em conduzir a representação de uma essencialidade da OE para a educação secundária; e, do artigo em representar o SOE como um elo de engajamento na construção da melhor trajetória, sendo assim representada, dos alunos para o que os aguarda na sociedade. Que contrasta com os depoimentos trazidos pelo livro da Alzira Abreu “Intelectuais e Guerreiros: o Colégio de Aplicação da UFRJ de 1948 a 1968” (ABREU, 1992). O artigo de Loffredi (1959) “Planejamento das sessões de grupo” representa a atuação da orientação educacional na condução de percurso para os estudantes de acordo com suas aptidões, personalidade e inteligência, com a intenção de que estes ocupem as melhores funções na construção da modernidade que estava em ascensão. E os métodos utilizados misturavam instrumentos validados pela psicologia com instrumentos de avaliação criados pelo colégio como os dossiês, questionários, fichas, gráficos. Mello (2020) expõe que essas avaliações eram dispositivos com função de selecionar, classificar as crianças de acordo com a capacidade intelectual e no ajustamento social, porém essas classificações partiam de padrões de normalidade, e nem sempre brasileiros. A distribuição do planejamento foi feita em nove unidades, cinco em um semestre e quatro em outro, que discutiam sobre o papel do SOE, do colégio, dos alunos, condutas a serem seguidas tanto para ser um bom aluno como um bom cidadão. E assim, influenciar na construção de um certo tipo de personalidade considerada normal, aceitável, boa, e o que ficasse diferenciado, diverso disso era encarado como algo a ser corrigido, redirecionado, ou simplesmente inapto. Reforçando o porquê da obrigatoriedade do SOE para implementação da experiência, que se baseava nos fundamentos biopsicológicos da Escola Nova, e visava aumentar a qualidade da educação e mais que isso, da própria juventude. Em junho de 1959, a Revista Escola Secundária abriu um espaço para estudos focados nas atividades extraclasse, que eram obrigatórias nas classes secundárias experimentais. O artigo intitulado “Ciências Naturais como atividade extraclasse” do professor Cadmo Bastos do CAp da UFRJ (BASTOS, 1961) analisado relata a experiência das turmas de 1ª e 2ª série ginásial que não tem a disciplina de Ciências Naturais no currículo, sendo ela apenas para as próximas séries, com isso ela acaba se articulando a disciplina de Geografia, buscando uma interdisciplinaridade. A metodologia utilizada para as atividades extraclasse foi um hibridismo entre a de projetos de Kilpatrick (1929) com a de centro de interesse de Jean-Olvide Decroly, que corroboram com um dos objetivos propostos para as atividades extraclasse: formação prática para a vida. Bastos (1961) coloca que a metodologia de projetos com um centro de interesse principal, no caso Meteorologia, torna possível a execução de várias tarefas de ensinamento simples, mas que possibilitam um bom tempo de convívio entre os alunos e colaboração, o que permite que educar e recrear andem juntos. O projeto incluiu visitas ao Observatório Meteorológico do Ministério da Agricultura; ao Aeroporto do Galeão (posto meteorológico e torre de voo) e à Divisão de Cartografia do Conselho Nacional de Geografia. O artigo descreve as etapas relacionadas a parte de Ciências e as visitas com divisão das atividades docentes e discentes em cada uma delas e algumas observações, materiais utilizados e a bibliografia. Pode-se observar pela descrição resumida de cada etapa o caráter essencialmente experimental e prático das atividades extraclasse

com a construção e uso de materiais como barômetro, pluviômetros, etcetera e dos jogos pelos alunos. Porém, o professor Bastos percebeu que os alunos se interessaram mais na construção do jogo, que na observação dos fenômenos meteorológicos, e a interdisciplinaridade também não funcionou como o esperado. E ele reconhece que os objetivos não seriam totalmente alcançados com aulas bissemanais, mas coloca a responsabilidade na inexperiência de vivências desse tipo, dos alunos por participarem de um novo sistema de atividades novo, e dos professores por estarem fora dos seus métodos rotineiros que foram educados a fazer. Em conclusão, estas percepções instigam a refletir sobre a estruturação do novo Ensino Médio que visa essa personalização do ensino ao conduzir para um ramo específico de aptidão e habilidade, e que está pautado em um currículo nacional, a Base Nacional Comum Curricular, que se estrutura em habilidades e competências. Pois são as inquietações deste tempo que se voltam para o passado em busca de compreensão, respostas, reflexão, inspiração. Afinal, o Ensino Médio continua sendo o ponto mais frágil da educação brasileira, ainda longe de ser universalizado e ineficiente em controlar a defasagem, embora os esforços tenham começado na década de 1950. E a organização do novo ensino médio traz semelhanças com as experiências renovadoras do passado ao propor um currículo dinâmico e flexível, a alcançar a educação integral, ao centrar o protagonismo do aluno no processo de ensino-aprendizagem, ao tentar superar a dualidade técnico e humanístico. E essas aspirações trazem um peso maior de atenção ao continuum da Educação Básica, pois a condução das etapas começarão a direcionar percursos educacionais e profissionais ainda mais cedo

Palavras-chave: Classes Secundárias Experimentais. Atividade Extraclasse. Serviço de Orientação Educacional.